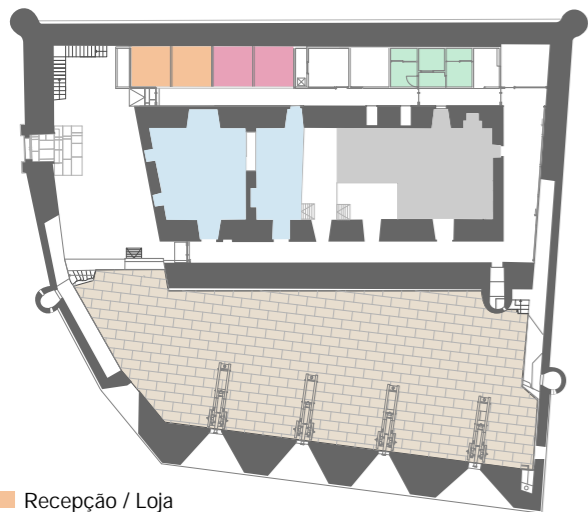


O centro interpretativo



- Recepção / Loja
- Serviço Educativo
- Sanitários
- Exposição - Núcleo I e II
- Exposição Temporária
- Bateria / Miradouro



Para saber mais...

BOIÇA, Joaquim Manuel F.; BARROS, Maria de Fátima R.; RAMALHO, Margarida de Magalhães - *As Fortificações Marítimas da Costa de Cascais*. Lisboa : Quetzal Editores, 2001. ISBN 972-564-509-X.

RODRIGUES, Manuel A. Ribeiro - *300 Anos de Uniformes Militares do Exército de Portugal 1660 – 1960*. Lisboa : Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1998. ISBN 972-9326-2319.

RUBIM, Nuno Varela - *Artilharia Histórica Portuguesa Fabricada em Portugal*. Lisboa : Museu Militar, 1985.

Cascais

Forte de S. Jorge de Oitavos Centro Interpretativo



O edifício

A meia distância entre o promontório da Guia e o Cabo Raso, situa-se o Forte de S. Jorge, inicialmente também conhecido como baluarte de Oito Ovos por estar perto do cabeço do mesmo nome – hoje designado Oitavos –, onde então existia uma vigia.

Construído entre 1642 e 1648, a sua planta poligonal de cinco lados desiguais, apoiada sobre a falésia, é exemplo privilegiado de adaptação ao terreno. Desde cedo, a sua defesa foi reforçada por uma trincheira para evitar desembarques locais. As dimensões e organização da estrutura são incomuns, dispendo do maior recinto então erguido na costa de Cascais e de uma extensa bateria. Ao longo do parapeito, que no fim do século XVIII recebeu canhoneiras e merlões, posicionam-se as peças de artilharia e na retaguarda, ao centro, ergue-se o antigo quartel e demais dependências abobadadas. As guaritas e a cisterna completam esta peça histórica, em permanente exposição com as necessárias adaptações ao tempo actual.

Em 21 de Dezembro de 1974, é classificado como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto-lei n.º 735/74 e, em 1999, cedido pela Direcção-Geral do Património do Estado à Câmara Municipal de Cascais, com o objectivo da sua recuperação, salvaguarda e valorização. Data do ano de 2001 a abertura ao público como espaço de valência museológica, ao serviço da cultura.

A exposição

No interior do espaço fortificado, o edifício onde se localizavam o quartel, a casa da pólvora, os armazéns e as cozinhas apresenta agora uma exposição, organizada em dois núcleos, que integra o Forte de S. Jorge de Oitavos no dispositivo militar de defesa avançada da barra do Tejo e revela aspectos da sua organização funcional e das vivências em tempos de guerra e de paz.



Forte de S. Jorge de Oitavos
Estrada do Guincho
2750 Cascais, Portugal
Tel.
(351) 214815949
Fax
(351) 214825099
E-mail
forte.oitavos@cm-cascais.pt
Horário
Terça a Domingo
10h00 – 17h00
Serviços
Recepção/loja
Serviço Educativo
Bateria/miradouro
Como chegar
Automóvel
(estacionamento próprio)
Autocarro
Carreira 415
(circula de hora a hora)
Ciclovía
www.cm-cascais.pt



Núcleo I

A linha defensiva da barra do Tejo, as fortificações de Cascais e o Forte de S. Jorge

O Núcleo I evoca, na primeira parte, a construção do aparelho defensivo da embocadura oceânica de Lisboa e territórios envolventes, apresentando os momentos históricos mais marcantes desse processo no tocante às fortificações marítimas de Cascais, desde o século XV ao século XIX.

A segunda parte deste Núcleo centra-se na história do Forte de S. Jorge, num registo de memória, em paralelo com os acontecimentos nacionais coevos.

É a fortificação marítima de maiores proporções no conjunto das que se ergueram logo após a Restauração da Independência Nacional (1640), ao longo da costa de Cascais. Pela concepção e compartimentação, terá sido edificada para ali se estabelecer o comando da zona entre o Guincho e a Guia. Não obstante, do ponto de vista estratégico, a razão primeira para a sua existência foi a de impedir o acesso a uma extensa laje rochosa que poderia prestar-se ao desembarque de tropas provenientes de navios inimigos. Daí, a construção de uma trincheira ou linha de fuzilaria a cobrir a laje e a cercar a muralha.

1 Configuração da entrada da barra de Lisboa, Luis d'Alincourt [176-?] - Instituto Geográfico Português

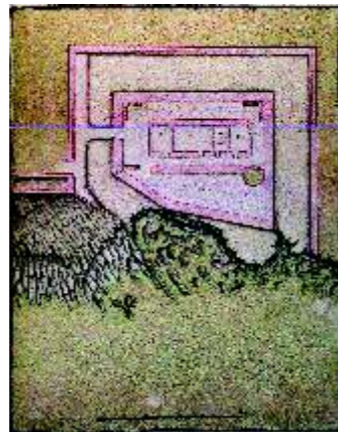


Planta da Praça, Cidadela e Fortes de Cascais, [17--] Biblioteca Pública Municipal do Porto



Em 1646, embora ainda por concluir, já estava guarnecido com 3 artilheiros e 18 soldados, comandados por um cabo. Começou por ter 5 peças de artilharia de ferro de 18 libras na bateria, diminuindo para 4 no século seguinte. As obras de envergadura que recebeu em 1793-1794, perante a ameaça de conflito internacional causado pelos excessos da Revolução Francesa, acabaram por definir um novo espaço fortificado, como o ilustra a planta desenhada pelo Sargento-mor Maximiano José da Serra.

Aquando da guerra civil de 1828-1834, o governo miguelista mandou reedificar novamente o Forte, devido ao perigo crescente de um desembarque das tropas liberais. Ultrapassado em definitivo pelo avanço da arte da guerra, passou, no fim do século XIX, para a dependência do Comando da Guarda-Fiscal, com a designação de Posto Fiscal de Oitavos, continuando a sua missão de vigiar a costa marítima até aos anos 70 do século XX.



Planta do Forte de S. Jorge, 1796 Biblioteca Pública Municipal do Porto



Núcleo II

Artilhamento e guarnição em finais do século XVIII

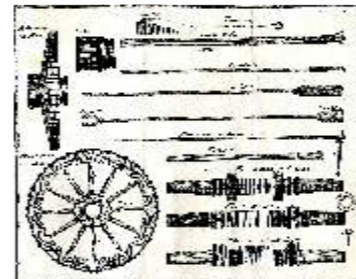
Nesta sala, a abordagem dos temas do artilhamento e das guarnições, recorrendo a réplicas de uniformes e dos instrumentos que eram utilizados no paiol e no serviço das bocas-de-fogo, corresponde a uma «cápsula do tempo», situada entre a década de 1760 e as Invasões Francesas.

Na Europa, narra a lenda que a pólvora foi redescoberta cerca de 1320 por Berthold Schwarz, um franciscano alemão que tentava conseguir numa das suas experiências uma tintura de ouro. Juntou num grande caldeirão salitre, carvão e enxofre, resultando da mistura uma bela explosão!

A arte do bombardeiro não se limitava ao serviço das bocas-de-fogo. Competia-lhe também o fabrico da pólvora e os artificios, e, em alguns casos, a fundição de artilharia.

O paiol constituía a divisão fundamental na orgânica das fortificações. O responsável era normalmente um bombardeiro com largo saber e experiência, consistindo o seu trabalho em zelar pela boa conservação da pólvora e das restantes munições, assim como dos petrechos para o serviço das peças.

Nos finais do século XVIII, competia à Praça de Armas de Cascais e às 17 fortificações sob o seu comando garantir a segurança da baía e impedir o acesso à barra do Tejo.



Palamenta de serviço das bocas-de-fogo Tratado de Artilharia, 1792 Biblioteca do Exército



No Forte de S. Jorge, em tempo de paz, existiam apenas 1 cabo e 3 soldados do Regimento de Artilharia da Corte (Fortaleza de S. Julião da Barra), que garantiam a segurança do material e das instalações, assim como a manutenção das bocas-de-fogo. Em tempo de guerra, eram destacados, do Regimento de Artilharia, 1 sargento, 1 cabo e 24 soldados, apoiados por 50 infantas vindos do Regimento de Infantaria de Cascais, que se instalavam em tendas de campanha na faixa de terreno situada atrás do aquartelamento dos artilheiros, no interior do Forte, evitando a aproximação de barcas e o desembarque de tropas apedadas.

Uniformes militares

O hábito de uniformizar e fardar as tropas foi introduzido em Portugal na segunda metade do século XVII. Porém, só no quadro da acção desenvolvida pelo Conde de Lippe na reorganização e modernização do Exército nacional é que surgiu o primeiro plano de uniformes portugueses, oficialmente aprovado pelo Alvará de 24.03.1764, o qual durou até 1806.

O plano geral de uniformes de 1806 traria as alterações ditadas pela evolução europeia, nomeadamente pelos figurinos dos exércitos napoleónicos, para os diversos regimentos.



Figurinos dos regimentos de Artilharia da Corte e de Infantaria de Cascais, 1791 Arquivo Histórico Militar